



# Reerguidos das Ruínas

**tricontinental**  
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Sobre o crescimento e desenvolvimento da sociedade e economia socialistas na RDA



Estudos  
sobre a  
RDA

01

## Sobre a série “Estudos sobre a RDA”

A República Democrática Alemã (RDA) foi um Estado socialista fundado em 1949 como reação democrática antifascista à Segunda Guerra Mundial. Redistribuiu a terra, socializou os meios de produção e coletivizou a agricultura. Estabeleceu um sistema igualitário de Educação, Saúde e Segurança Social, bem como garantiu direitos iguais para mulheres e homens. Cultivou relações econômicas estreitas e de amizade com outros Estados socialistas e, sob o signo da solidariedade internacional, apoiou os países da América Latina, Ásia e África que lutavam pela sua independência.

O objetivo declarado da RDA era o estabelecimento de uma sociedade justa, de acordo com os princípios da igualdade. Tendo como base a propriedade pública dos meios de produção, tornou-se um poderoso estado industrial que usou os seus resultados econômicos em benefício de cidadãs e cidadãos e lhes permitiu viver com segurança social. A RDA atingiu o objetivo sócio-político de satisfazer no mais alto nível as crescentes necessidades materiais e culturais do povo.

Por que vale a pena, 30 anos após a queda da RDA, olhar novamente para as suas conquistas, princípios e estruturas? Como o triunfo do capitalismo exacerba a desigualdade, a pobreza e as crises em todo o mundo, que conclusões se pode obter a partir da alternativa à economia capita-

lista praticada na RDA? Como era a democracia socialista? Que contradições surgiram na prática da economia planificada? Que lições podem ser retiradas do fracasso da RDA?

Com a série “**Estudos sobre a RDA**”, o Internationale Forschungsstelle DDR (Centro Internacional de Pesquisa RDA- Berlim) e o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social (Buenos Aires, Deli, São Paulo, Joanesburgo) querem encorajar um debate renovado sobre a história e os princípios da RDA. O nosso objetivo é reavaliar o legado e a experiência da República Democrática Alemã.

Esta série de estudos sobre a agenda socialista da RDA e as suas realidades explora aspectos da vida cotidiana, fornece fatos sobre as conquistas sociais e examina as bases políticas e econômicas deste Estado socialista. A revisão das experiências vividas em todas as áreas da vida, que são negadas na narrativa dominante da vitória imperativa do capitalismo e da superioridade da economia de mercado, fornecerá uma contribuição útil para os debates atuais nos movimentos progressistas. Porque, atualmente, milhões de pessoas em todo o mundo ainda lutam pelo progresso, algo natural no socialismo e que se perdeu com o seu fim.

Nesta primeira edição será feita uma breve apresentação do surgimento da RDA, das suas condições econômicas, do seu desenvolvimento e do fim da sua existência. Para compreender a especificidade do socialismo da RDA, é preciso enfa-

tizar as condições históricas em que ele surgiu. A situação de crise naquela época foi em grande parte um desdobramento do fim de uma guerra mundial devastadora. As consequências posteriores de uma Alemanha dividida, a causa da guerra, tornam necessário olhar para a RDA na sua relação com a República Federal da Alemanha, à qual se opôs na Guerra Fria que se seguiu entre os sistemas comunista e capitalista.

Em 1990, após a reunificação da Alemanha, a economia da RDA foi desmantelada, o que constituiu uma espécie de protótipo de terapia de choque para as medidas de austeridade que foram impostas aos ex-Estados socialistas e a outros países. Ao mesmo tempo, ocorreu a deslegitimação política, jurídica e moral da RDA. Ao contrário do argumento difundido pelos antigos e novos inimigos do socialismo, de que a queda da RDA prova o inevitável fracasso da política e da economia socialistas, as publicações desta série retratam a realidade da vida na República Democrática Alemã e relembram aos leitores que existiram e existem alternativas ao capitalismo presente.

## “Reerguidos das Ruínas ...”

Com a vitória da coalizão anti-Hitler e a derrota do fascismo alemão em 8 de maio de 1945, um novo equilíbrio de poder internacional foi alcançado. A União Soviética, uma das quatro potências vitoriosas e na qual tinha sido construída uma sociedade socialista desde a Revolução de Outubro de 1917, implementou de forma consistente as decisões conjuntas das potências aliadas para a criação de uma Alemanha democrática em sua própria zona de ocupação. Como resultado do colapso da coligação anti-Hitler e do início da Guerra Fria entre os blocos oriental e ocidental, surgiram dois estados alemães. Em 1949, foi fundada a República Federal da Alemanha, uma democracia parlamentar burguesa, cujos responsáveis pela ditadura nazista também assumiram posições influentes nos aparelhos de Estado e economia. No mesmo ano, a fundação da RDA como um Estado Democrático antifascista anunciou uma ruptura completa com o passado imperialista no leste da Alemanha. O conceito alternativo de ordem social foi inspirado da União Soviética, mas a construção e a organização do novo Estado foram atribuídas aos comunistas alemães, que aprenderam as lições de duas guerras mundiais.

### Imperialismo alemão no século XX

O Reich Alemão, altamente industrializado e economicamente próspero já durante a Primeira Guerra Mundial, tinha começado a dividir novamente o mundo e a garantir mercados e matérias-primas. Mesmo antes, tal dinâmica já fazia parte das práticas de outras

potências colonialistas europeias: tanto no continente africano, como na Ásia e na Oceânia, exploravam e oprimiam os povos nativos, lutavam contra eles até sua destruição, como foi o caso dos Herero e os Nama na atual Namíbia. A Primeira Guerra Mundial terminou em 1918 com a Revolução de Novembro, quando trabalhadores e soldados exterminaram a monarquia na Alemanha, estabeleceram uma República parlamentar e marcaram o fim da Alemanha como potência colonial. Porém, embora o imperador alemão tenha sido deposto, os generais permaneceram. A elite reacionária de uma República política e economicamente instável viu a sua hora chegar quando foi formado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), cujos objetivos correspondiam plenamente aos interesses expansionistas do capital monopolista alemão, dos grandes latifundiários e dos militares.

Em 1933, o Partido Nacional Socialista, liderado por Adolf Hitler, assumiu o governo. Em poucos meses, os fascistas estabeleceram uma ditadura que destruiu os opositores internos, proibindo partidos políticos e sindicatos e prendendo comunistas e sindicalistas. Privaram dos seus direitos a população judaica, os Sinti e os Roma, os homossexuais, as Testemunhas de Jeová e as pessoas com deficiência e começaram a assassiná-los sistematicamente. Com um enorme programa de rearmamento militar, Hitler iniciou os preparativos para uma guerra que deveria culminar no domínio mundial do imperialismo alemão, na conquista do território no leste para “membros da nação alemã” e na destruição dos “sub-humanos bolcheviques”.

A Segunda Guerra Mundial começou na Europa com o ataque das Forças Armadas Alemã (*Wehrmacht*) à vizinha Polônia em 1º de setembro de 1939, conduzido pelo Reich alemão e seus aliados do Eixo, Itália e Japão. Esta guerra foi travada da forma mais brutal com a ajuda da destruição e liquidação sistemáticas

da população civil, causando mais de 70 milhões de mortes em todo o mundo, incluindo 20 milhões de chineses e 6 milhões de judeus. Soldados das colônias das forças aliadas também estavam entre os 70 milhões de mortos. A Grã-Bretanha, em particular, recrutou soldados de suas colônias, cuja participação na luta contra o fascismo se tornou praticamente invisível até hoje.

Dois anos após o início da guerra, foi formada a coligação anti-Hitler, liderada pelas forças da União Soviética, Grã-Bretanha e Estados Unidos para lutar como uma aliança contra a agressão fascista. No entanto, o fardo principal era suportado pela União Soviética: dois terços das divisões fascistas estavam concentradas na frente soviético-alemã. Foi aqui que aconteceram as batalhas decisivas. A ordem para destruir as áreas conquistadas foi impiedosamente executada pela *Wehrmacht* e pelas SS (*Schutzstaffel* – Tropa de Proteção) em todo o Leste da Europa. Essa tática de “terra queimada” deixou um rasto de destruição numa escala inimaginável: só na URSS, mais de 70 mil vilas e cidades e 32 mil fábricas foram arrasadas. Mais de 26 milhões de cidadãos soviéticos foram vítimas desta campanha de extermínio.

Depois de as tropas do Exército Vermelho travarem a última “Batalha de Berlim”, a Alemanha fascista foi derrotada em 8 de maio de 1945 com a rendição incondicional da *Wehrmacht*, terminando a Segunda Guerra Mundial na Europa. No entanto, isso não significou necessariamente que a guerra acabou em outras regiões. Na Ásia, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial começou em 1937 com a guerra do Japão contra a China na Manchúria ocupada, mas não terminou em 1945 com o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki pelos EUA. Em vez disso, o fim da guerra na Europa deu aos britânicos, franceses e outras potências coloniais a capacidade





Em abril de 1945, as tropas da coligação anti-Hitler libertaram amplamente as áreas ocupadas na Europa pelo exército fascista da Wehrmacht. O Exército Vermelho abre a sua ofensiva sobre a capital do Reich Alemão e provoca a completa derrota militar da Alemanha nazista nos ferozes combates da "Batalha por Berlim". A fotografia mostra dois soldados do Exército Vermelho na Chancelaria do Reich, o último centro de comando de Hitler. A seus pés, o símbolo do poder fascista: a águia com a suástica.



de se concentrar em esmagar os movimentos de independência em suas colônias. A França fez isso, por exemplo, com massacres sangrentos na Argélia e com sua guerra contra o Vietnã, que havia sido proclamado independente por Ho Chi Minh em 1945 após a rendição das forças de ocupação japonesas. Os Estados Unidos não apenas continuaram esta guerra, mas também retomaram a oposição contra os guerrilheiros que lutavam nas Filipinas, que continuaram a resistir aos ocupantes japoneses por três anos após a retirada das forças americanas em 1942. Eles agora estavam enfrentando seus antigos governantes coloniais mais uma vez. Por outro lado, também houve casos em que potências coloniais enfraquecidas pela guerra se retiraram de suas colônias, abrindo novas possibilidades. A Índia, por exemplo, conquistou sua independência em 1947 e, na China, a guerra civil terminou em 1949 com a vitória do Exército Popular revolucionário de Mao Tse-tung sobre as tropas de Chiang Kai-shek.



Após a rendição incondicional da Wehrmacht alemã em 8 de maio de 1945, os poderes vitoriosos da coligação anti-Hitler assumem a soberania sobre o Reich Alemão. Como acordado na Conferência dos Chefes de Estado Aliados (Stalin, Churchill, Roosevelt) na Crimeia em fevereiro de 1945 e estipulado no Acordo de Potsdam em agosto, a Alemanha fica dividida em quatro zonas de ocupação. Os territórios orientais do Reich são colocados sob administração polaca.

Na Alemanha, após o fim da guerra, as principais potências aliadas, Grã-Bretanha, União Soviética, EUA e França, estabeleceram quatro zonas de ocupação de acordo com os acordos da coligação anti-Hitler. Estas zonas dividiam a Alemanha e também a capital Berlim - que se encontrava na zona de ocupação soviética - em áreas subordinadas às respectivas potências vitoriosas. Para debater conjuntamente sobre como lidar com a Alemanha derrotada, os chefes de governo das potências vitoriosas, a URSS, os EUA e a Grã-Bretanha, reuniram-se em Potsdam em julho de 1945 e negociaram sobre o futuro do país. Tais resoluções,

às quais a França aderiu, visavam exterminar o fascismo alemão por suas raízes econômicas e ideológicas, preservando a Alemanha como um todo unificado e

estabelecendo-a como uma zona neutra. Os princípios políticos básicos que orientaram os Aliados ficaram para a história como os “4 Ds” do “Acordo de Potsdam”: as medidas destinadas à **d**esnazificação visavam retirar todos os nazistas de posições relevantes e punir os criminosos de guerra. A **d**esmilitarização procurou o desarmamento completo e o desmantelamento da indústria bélica alemã. Por meio da **d**escentralização, a concentração do poder econômico nas empresas monopolistas seria destruída e a vida pública seria reestruturada por meio da **d**emocratização.



A desnazificação, erradicando as raízes do fascismo, “Guerra nunca mais!” seriam as lições da Segunda Guerra Mundial e do reinado de terror do Terceiro Reich. As “velhas” elites logo retornam à jovem República Federal da Alemanha. Os funcionários do regime de Hitler assumem poder de influência no poder judicial, nas universidades, no exército, nas corporações. Em 1962, a *Democratic German Report*, revista de notícias em língua inglesa da RDA, publicou um mapa listando os países em que os antigos membros do partido nazista estavam ativos como embaixadores da República Federal da Alemanha.

socialista na sua zona de ocupação. O objetivo era criar uma República desmilitarizada e democrático-burguesa que vivesse em paz com seus vizinhos e não fizesse parte de nenhuma aliança. O objetivo era criar

um Estado neutro não alinhado como uma zona tampão para a Europa Ocidental.

Enquanto a implementação dos 4 Ds começava na zona de ocupação soviética, as zonas ocidentais aderiram apenas parcialmente ao acordo. As decisões conjuntas anteriores tornaram-se um incômodo, especialmente a usurpação da propriedade capitalista privada. Assim, a adesão ao Acordo de Potsdam tornou-se a linha vermelha entre as zonas: no leste, grandes empresas foram transferidas para o domínio público, criminosos de guerra nacional-socialistas foram expropriados, condenados e removidos de todas as instituições e impedidos de ganhar posições importantes na sociedade. O Ocidente, por outro lado, confiava nos nazistas como velhos “especialistas”, que eram compensados economicamente e recebiam posições relevantes. Grandes corporações que anteriormente ajudaram o fascismo a ganhar poder permaneceram intocadas. Os aliados ocidentais proibiram iniciativas de expropriação e deixaram intactas as posições de poder econômico dos monopólios alemães.

A reivindicação de expropriação dos monopólios e das grandes corporações foi feita por todas as potências ocupantes na Conferência de Potsdam, mas só foi atendida na zona de ocupação soviética: cerca de 10 mil empresas foram expropriadas sem direito a indenização. As empresas tornaram-se propriedade pública e formaram um setor de produção de propriedade nacional ao lado de empresas capitalistas privadas que continuaram a existir e que forneciam cerca de um quarto da produção industrial bruta.

Além de salvaguardar os interesses do grande capital nas três zonas ocidentais de ocupação, a premissa política e militar era assegurar o poder global dos EUA no continente europeu. Para esse fim, os militares dos EUA inventaram uma narrativa assustadora de



Após o fim da guerra, Berlim é dividida em quatro setores e colocada sob o controle das potências de ocupação britânica, estadunidense, francesa e soviética. A livre circulação de pessoas dentro da cidade termina apenas com a construção do Muro em agosto de 1961 e, por conseguinte, com a migração para o Ocidente.

dominação mundial comunista, e uma guerra com a União Soviética era quase certa e um teste de poder era iminente. Já em março de 1946, o político britânico Winston Churchill já estava redefinindo as novas esferas de influência e começou a falar da 'cortina de ferro que [havia] descido pelo continente', traçando uma linha 'de Stettin no Báltico a Trieste no Adriático'. A Guerra Fria entre as potências ocidentais e o Bloco Oriental havia começado. Um ano depois, o presidente dos EUA, Truman, encerrava a coalizão de guerra com a União Soviética. Esses conflitos políticos e econômicos sistêmicos levaram à dissolução da coligação anti-Hitler e, como resultado, à fundação de dois Estados alemães, um capitalista e outro que preparou o terreno para o socialismo, expropriando o capital privado. Em 1948, os Estados da Europa Ocidental, França, Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda e Luxemburgo fundaram o "Pacto de Bruxelas", apresentado como um pacto de assistência contra uma nova agressão alemã. Em 1949, após o "pedido" de ajuda militar aos EUA, foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com o qual os EUA garantiram a sua ca-

pacidade de atuação na Europa e contra a alegada ameaça militar da União Soviética.

No Alemanha Ocidental, os partidos burgueses conservadores pressionaram pelo estabelecimento de um Estado independente no interesse do setor privado e das corporações; tal Estado só poderia ser capitalista. Em 1948, os aliados ocidentais formaram uma zona tripartida (“Trizona”) fora das suas zonas de ocupação e dividiram a Alemanha por meio de uma reforma monetária. Com a introdução do marco alemão, indexado ao dólar, os Aliados estabeleceram uma área econômica baseada nos princípios capitalistas, da qual a Zona Soviética foi excluída. Com o estabelecimento da República Federal da Alemanha (RFA) em maio de 1949, a Trizona tornou-se um Estado separado da Alemanha Ocidental.

Graças à injeção maciça de capital sob o Plano Marshall dos Estados Unidos - um programa de investimento para a reconstrução da Europa - a economia local teve uma rápida recuperação no rescaldo da guerra. Demorou apenas alguns anos para a RFA crescer e se tornar a potência econômica mais forte do continente. Com o rearmamento e o estabelecimento de um exército sob a liderança de centenas de ex-membros das Forças Armadas Nacional-Socialistas, além de se tornar membro da aliança militar da OTAN em 1955, a República Federal da Alemanha tornou-se o posto avançado e garantidor do poder hegemônico dos EUA na Europa. Desde o primeiro dia de sua existência, foi um dos mais importantes centros de ação da Guerra Fria contra os Estados socialistas.

## Novo começo antifascista democrático na zona de ocupação soviética

Após o fim da guerra, um Conselho de Controle Aliado, composto pelos comandantes supremos das Forças Armadas das quatro potências vitoriosas, assumiu o poder governamental na Alemanha. A execução das ordens e diretivas ficou a critério do respectivo comandante supremo das zonas de ocupação. O direito de veto permitiu que cada potência ocupante seguisse o seu próprio caminho na sua zona de influência.

A União Soviética não exportou o sistema soviético para sua zona de ocupação quando libertou a Alemanha do fascismo; em vez disso, colocou a construção de um estado democrático antifascista nas mãos dos comunistas alemães. Já em junho de 1945, com a aprovação da Administração Militar Soviética na Alemanha (SMAD), os recém-fundados partidos democráticos antifascistas, sindicatos e organizações coletivas iniciaram suas operações. Em

1943, vários comunistas alemães exilados na União Soviética fundaram o “Comitê Nacional Alemanha Livre”, com prisioneiros de guerra do país europeu. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, vários dos grupos de campanha do comitê voltaram à Alemanha para ajudar a reorganizar a vida pública e construir órgãos administrativos alemães de acordo com os decretos

da SMAD. Alguns dos membros do comitê assumiram funções importantes no Partido Comunista da Alemanha (KDP).

No seu apelo ao povo alemão pela construção de uma Alemanha antifascista e democrática de 11 de ju-

### Adaptado da *Aufbaulied/* “Canção da Construção” (1948):

Toda a gente quer um teto  
então construir não é mal pensado,  
mas sem consultar arquiteto  
começamos por um novo estado.  
Fora com os escombros, construir, renovar!  
Temos que cuidar de nós mesmos  
e contra nós quem ousar.

Bertolt Brecht, escritor (1898-1956)







Na zona de ocupação soviética, as administrações provinciais e estatais emitem decretos para a destituição e expropriação de grandes empresas e proprietários de terras, de acordo com as decisões da Conferência de Potsdam. O cartaz de junho de 1946 apela à participação no referendo à "Lei sobre a transferência de empresas detidas por criminosos de guerra e nazistas para a propriedade do povo".

nho de 1945, o KDP exortou o povo alemão a liderar a "luta contra a fome, o desemprego e a falta de moradia" e a mudar as relações de propriedade e estruturas econômicas anteriores para "proteger os trabalhadores contra o empreendedorismo arbitrário e a exploração excessiva". Ao concentrar todas as forças democráticas, o KPD e os outros partidos recém-fundados formaram um bloco democrático antifascista. Em 1946, os dois partidos operários, KPD e o Partido Social Democrata da Alemanha (SPD), uniram-se para formar o Partido da Unidade Socialista da Alemanha (SED), o principal partido político na Zona de Ocupação Soviética e, mais tarde, na RDA. Isso superou a divisão de décadas na classe trabalhadora, que havia minado sua capacidade de lutar contra a ordem dominante existente.

Com a reforma agrária iniciada em 1945, grandes proprietários de terras, que tinham enorme poder no militarismo prussiano-alemão, foram expropriados sem indenização. As propriedades com mais de 100 hectares, bem como as dos nazistas e criminosos de guerra, foram transferidas para um fundo de terras do Estado e redistribuídas a mais de meio milhão de trabalhadores agrícolas, repatriados e agricultores pobres.

No verão de 1945, a SMAD formou a Administração Central Alemã para a Educação Nacional. Sua tarefa era construir um sistema educacional antifascista, secular e socialista. Foi criado um sistema de escolas estaduais abrangente que concedeu o direito igualitário à educação a todas as



crianças pela primeira vez. Professores que tinham ligações com os nazistas foram demitidos de seus cargos e, em muito pouco tempo, cerca de 40 mil jovens que não estiveram envolvidos no sistema fascista foram treinados para se tornarem novos professores.

### Conselho do Povo Alemão

O Conselho do Povo Alemão foi um órgão político formado em 1947 na zona de ocupação soviética por representantes dos partidos e organizações coletivas e por iniciativa do SED. Sua estrutura era semelhante a um parlamento e um comitê ficou responsável em redigir uma nova constituição. No Congresso do Povo, em 7 de outubro de 1949, o Conselho do Povo se estabeleceu provisoriamente como a "Câmara do Povo da RDA". As primeiras eleições ocorreram em outubro de 1950. Até 1990, a Câmara do Povo foi o parlamento da RDA e o mais alto órgão constitucional do país.

### A fundação da RDA

A recém-fundada República Federal da Alemanha declarou-se a única sucessora do Reich Alemão e representante de todos os alemães. Isso incluía a reivindicação das áreas a leste dos rios Oder e Neisse, a atual Polônia, que tinham pertencido ao Império Alemão. Após o fim da guerra, essas áreas foram colocadas sob a administração da Polônia e a nova fronteira foi então decidida no Acordo de Potsdam. No entanto, isso não foi reconhecido pela RFA que, portanto, manteve as suas reivindicações nacionalistas.

Enquanto isso, na Alemanha Oriental, as funções administrativas que inicialmente eram desempenhadas pela autoridade militar soviética foram transferidas para o recém-fundado Conselho do Povo Alemão. Pouco depois da fundação da RFA, o Conselho do Povo



Dupla fundação estatal sob a lei de ocupação: Em maio de 1949, a República Federal da Alemanha é fundada no território das três zonas de ocupação ocidental. Seis meses mais tarde, a República Democrática Alemã é estabelecida na zona de ocupação soviética. A RDA rompe com o passado imperialista da Alemanha, define-se como um estado operário e camponês, constrói o Socialismo e está integrada econômica e militarmente nas alianças do Bloco de Leste. Por ocasião da sua fundação, realiza-se um comício de massas com a participação da Juventude Alemã Livre.

Alemão se reuniu na Zona de Ocupação Soviética em 7 de outubro de 1949 e fundou a República Democrática Alemã (RDA). Em sua primeira declaração, a nova república expressou um compromisso com a paz, o progresso social e a amizade com a União Soviética e todos os Estados e movimentos amantes da paz.

O novo Estado definiu-se como um Estado operário e camponês, com o poder político assentado na classe trabalhadora e no seu partido dirigente, o SED. A formação da “Frente Nacional”, uma coligação de partidos e organizações de massa, garantiu que todos os grupos sociais pudessem influenciar e participar nos processos políticos. A primeira constituição da RDA consagrou as conquistas da revolução democrática antifascista. Declarou que o exercício de autoridade pública seria efetuado pela classe trabalhadora e pelos seus aliados, afirmando também a abolição dos monopólios e da grande propriedade fundiária, a criação de uma economia nacional, o direito de todos os cidadãos ao trabalho e à educação e igualdade de direitos para as mulheres. A defesa da paz e da amizade entre os povos tornou-se o mais alto princípio da política estatal. O hino nacional do novo Estado dizia: “Reerguidos das ruínas / e voltados para o futuro / .. o mundo todo anseia pela paz / estende a mão ao povo”.

O desafio existencial do novo Estado era construir uma economia poderosa. Um primeiro plano de cinco anos previa o aumento da produtividade do trabalho nas empresas estatais, duplicando a produção industrial e reforçando a participação da propriedade nacional. As cerca de 17.500 empresas capitalistas privadas ainda existentes foram incluídas no desenvolvimento planificado da economia por meio de políticas econômicas, financeiras e tributárias. Este primeiro plano de cinco anos ajudou a RDA a mudar para um planejamento eco-



Com o Conselho para a Assistência Econômica Mútua, os Estados socialistas fundaram, em 1949 uma organização para a cooperação econômica e o reforço do poder econômico do Bloco do Leste. O objetivo era uma especialização e divisão eficaz do trabalho, bem como um alinhamento gradual das condições econômicas entre os Estados membros. O conselho foi fundado pela União Soviética. A RDA aderiu em 1950. O selo comemorativo do 25.º aniversário do Comecon retrata as bandeiras dos países membros, incluindo a República Popular Mongol (desde 1962) e Cuba (desde 1972).

nômico socialista de longo prazo e lançou as bases para o desenvolvimento de um sistema socialista, que finalmente foi adotado em 1952. Em 1950, um ano após a sua fundação em Moscou, a RDA aderiu ao Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON), uma aliança de cooperação econômica entre a União Soviética e os novos Estados democráticos populares da Polônia, Hungria, Bulgária, Romênia e Checoslováquia; mais tarde, outros Estados também se juntaram a essa

“

O cidadão da RDA vivia num país que mantinha a paz e que praticava uma política de paz. Ele agora é cidadão de um estado alemão que trava a guerra. ... A queda do Muro de Berlim marcou o fim da mais longa fase de paz que a Europa experimentou na sua história. Poucos meses depois, a guerra voltou a um continente que não era capaz de agressões desde 1945. A fronteira entre os dois estados alemães tinha caído, mas essa marcha triunfal da democracia burguesa criou principalmente novas fronteiras, fronteiras essas que não existiam antes. Entre checos e eslovacos, entre os povos da ex-Jugoslávia - sem falar nas fronteiras que agora cruzam o território da ex-União Soviética. Muitos conflitos armados e dezenas de milhares de mortes foram o resultado dessas novas demarcações. Em 1990, o período do pós-guerra terminou para a Alemanha do Leste. O novo período pré-guerra começou.

Matthias Krauss, jornalista da Alemanha do Leste, 2018

”

iniciativa, como Cuba e Vietnã. As relações econômicas não eram determinadas pela competição capitalista, mas pela cooperação socialista. O objetivo do COMECON era criar uma zona compartilhada para as democracias populares e coordenar seus planos econômicos nacionais. A cooperação econômica, científica, técnica e cultural foi definida em vários acordos bilaterais. No mesmo ano, a RDA reconheceu a fronteira entre a Alemanha e a Polônia ao longo dos rios Oder



Berlim em ruínas, Berlim em construção - Berlim, capital da RDA e "Cidade da Paz" - este título honorífico foi-lhe conferido em 1979 pelo Presidente do Conselho Mundial da Paz, o indiano Romeh Chandra. Em 1951, a Federação Mundial da Juventude, lutando pela paz, veio a Berlim, ainda marcada pela destruição da guerra, para o III Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. A Frente Nacional pediu um "Domingo da Reconstrução" em preparação para o Festival Mundial.

e Neisse, tal como definido no Acordo de Potsdam, enquanto uma "fronteira de paz" com validade permanente. Ao fazer isso, deu um passo importante para a reconciliação com os antigos inimigos de guerra e, ao contrário da República Federal, desistiu de todas as reivindicações sobre os antigos territórios orientais do Reich alemão.

A partir de meados da década de 1950, os dois Estados alemães estavam firmemente integrados econômica, política e militarmente nos sistemas de alianças dos blocos oriental e ocidental. Em 1955, a RDA tornou-se membro da aliança militar dos estados do Bloco do Leste, o Pacto de Varsóvia, um acordo de assistência entre os Estados socialistas, que tinha um caráter exclusivamente defensivo, cujo

principal objetivo era a manutenção da paz na Europa. Durante a corrida armamentista forçada pelo Ocidente, o RDA - enquanto uma região de fronteira com a Europa Ocidental - era uma área altamente sensível para a ameaça de uma guerra, posicionando-se na vanguarda do confronto sistêmico entre o comunismo e o capitalismo.

## Uma boa economia; mas para quem?

O sucesso econômico geralmente é medido em termos de vendas e lucros. Embora essas medidas também fossem importantes para a RDA, não formavam o cerne da política econômica. O objetivo da produção era a melhoria constante das condições de vida e de trabalho das pessoas e não o lucro que vai para os ricos e proprietários privados. O fato de as empresas da RDA cuidarem e gastarem bilhões com questões sociais, como habitação, férias, creche e saúde é incompreensível para a ortodoxia neoliberal de hoje, voltada para o lucro. A história econômica da RDA mostra o que se pode conseguir quando as necessidades das pessoas determinam a prioridade de gastos.

## Condições iniciais da economia da Alemanha Oriental após 1945

No final da guerra, mais de um quarto das habitações nas cidades da Alemanha do Leste tinham sido destruídas ou tornaram-se inabitáveis por causa dos ataques aéreos durante o combate. O aproveitamento das infraestruturas e, portanto, o fornecimento de matérias-primas e alimentos foi drasticamente restringido por conta da destruição de estradas, ferrovias e pontes. Além disso, uma grande quantidade de ativos foram levados para a Alemanha Ocidental com a fuga de empresários e executivos do Estado fascista às zonas ocidentais para evitar punição ou expropriação.

Em violação das decisões da Conferência de Potsdam, as zonas de ocupação ocidentais logo interromperam o pagamento de indenizações à União Soviética, que, como o país mais prejudicado pela guerra, teve que retirar esses recursos de sua própria zona de ocupação. Ao todo, 2.400 empresas foram desman-



teladas na Alemanha do Leste, incluindo quase toda a indústria automotiva e mais de metade do setor elétrico, produção de ferro e engenharia pesada, tendo sido transferidas para a URSS. Para abastecer a população de seu próprio país, a União Soviética também comprou mercadorias que haviam sido produzidas na Zona de Ocupação Soviética que supostamente abasteciam o povo da RDA. Ao todo, 70% da capacidade industrial do pré-guerra não estava mais disponível, o que significava que os padrões de vida e produtividade no Oriente eram apenas quase metade do que eram no Ocidente.

Nos primeiros oito anos após a guerra, quase um terço da produção total da Alemanha Oriental não pôde ser usado para reconstruir a sua própria economia. Além disso, as desigualdades na capacidade industrial que haviam sido transmitidas antes da guerra apenas se tornaram maiores com a divisão da Alemanha. A produção de máquinas para mineração, metalurgia e siderurgias estavam localizadas na Alemanha Ocidental, assim como toda a indústria de materiais básicos, como a indústria de carvão e aço. Como resultado, a Zona Soviética/RDA foi privada de todos esses recursos. Esta situação colocava os planejadores da economia da Alemanha do Leste em desvantagem, que tentavam compensar a situação aumentando a produtividade. Foram necessários esforços ininterruptos e muitas privações por parte da população para reconstruir a economia. Praticamente do zero, a RDA ergueu a sua própria indústria pesada em tempo recorde. A produção de bens de uso diário, como roupas e alimentos, inicialmente ficou em segundo plano. Só em 1958 é que o racionamento de alimentos pôde ser abolido.

Aos poucos, a República Federal da Alemanha cortou o comércio intra-alemão, de extrema importância para a RDA. As empresas ocidentais que negociassem com a RDA estavam sujeitas a uma série de sanções



por parte das autoridades estatais da RFA, como a retirada de empréstimos ou a imposição de medidas fiscais especiais. No entanto, o foco das medidas de suspensão foi a sabotagem das cotas de entrega acordadas contratualmente e a interrupção das entregas. Essas medidas foram um enorme entrave ao comércio interno alemão, já que inicialmente essa era a única maneira de a RDA obter matérias-primas e equipamentos que os seus parceiros no Leste não podiam produzir devido à situação econômica. As empresas da Alemanha Ocidental tradicionalmente fabricavam produtos personalizados de acordo com as necessidades da Alemanha Oriental. Apenas essas empresas produziam de acordo com o mesmo sistema padrão e podiam entregar com isenção de impostos pelo trajeto mais curto. A isenção de direitos alfandegários devia-se ao fato da RFA não reconhecer a RDA como um Estado e, portanto, não a considerar um país estrangeiro. A política de mandato exclusivo da RFA, portanto, funcionou como uma alavanca para a extorsão econômica.

Com apenas 17 milhões de habitantes, a RDA era um pequeno país que só poderia competir em ciência e tecnologia por meio de parcerias internacionais. No entanto, a Guerra Fria e a política de embargo os impediram de participar de projetos especializados e cooperativos em todo o mundo. Foi exatamente o que aconteceu quando o Comitê Coordenador de Controles Multilaterais de Exportação (CoCom), liderado pelos Estados Unidos desde 1949, bloqueou a exportação de tecnologia ocidental para o Bloco de Leste. Isso impedia o Oriente de participar dos avanços tecnológicos e de contratar mão de obra internacional nas áreas de ciência, pesquisa e desenvolvimento. Imensos recursos e trabalho de desenvolvimento científico e técnico foram necessários na RDA para preencher as lacunas que essas medidas de embargo criaram na estrutura econômica do país.

Com a chamada “Doutrina Hallstein”, a República Federal da Alemanha desenvolveu um conjunto de regras em meados da década de 1950 que supostamente isolaria a RDA economicamente e a enfraqueceria ainda mais. Qualquer reconhecimento e estabelecimento de relações diplomáticas com a RDA deveria ser entendido como um “ato hostil”. A RFA ameaçou todos os Estados que questionaram o seu direito exclusivo de representação soberana da Alemanha com um grande número de sanções econômicas e a interrupção do contato diplomático. A “Doutrina Hallstein” tornou-se um grande obstáculo ao comércio: passaportes da RDA não foram reconhecidos, relações diplomáticas e embaixadas, acordos comerciais e de pagamento foram proibidos e foi imposta uma política restritiva de licenciamento.

Qualquer reconhecimento e estabelecimento de relações diplomáticas com a RDA deveria ser entendido como um “ato hostil”. A RFA ameaçou todos os Estados que questionaram o seu direito exclusivo de representação soberana da Alemanha com um grande número de sanções econômicas e a interrupção do contato diplomático. A “Doutrina Hallstein” tornou-se um grande obstáculo ao comércio: passaportes da RDA não foram reconhecidos, relações diplomáticas e embaixadas, acordos comerciais e de pagamento foram proibidos e foi imposta uma política restritiva de licenciamento.

Devido à vantagem estrutural de locais industriais decisivos, pagamentos de indenizações significativamente mais baixos e acesso irrestrito às matérias-primas, a Alemanha Ocidental teve um ponto de partida econômico fundamentalmente diferente. Além disso, os EUA exportaram capital para a República Federal. Tudo isto garantiu um rápido renascimento da economia e melhores condi-

mentalmente diferente. Além disso, os EUA exportaram capital para a República Federal. Tudo isto garantiu um rápido renascimento da economia e melhores condi-



Na década de 1960, a mudança fraturante na base tecnológica coloca novos desafios à economia. O chefe de estado Walter Ulbricht proclama consequentemente o domínio da revolução científico-técnica como uma tarefa fundamental. Seis países do Comecon trabalham em conjunto na investigação e produção de sistemas informáticos potentes no âmbito do Sistema Unificado de Computadores Eletrônicos (ESER – ES EVM) dos países socialistas. A criação de uma base microeletrônica própria é inevitável, tendo em conta a política de embargo ocidental, mas requer uma despesa de milhares de milhões. Os computadores ESER são desenvolvidos e fabricados no VEB Kombinat Robotron, Dresden (Figura).

ções para a população. Esse desequilíbrio também fez com que muitas pessoas migrassem do leste para o oeste. Cerca de 50% destes migrantes eram jovens e altamente qualificados. Apenas na década de 1950, um terço de todos os universitários deixou a RDA. Foi uma grande perda, pois sua educação foi financiada pelo Estado de onde estavam saindo e o país precisava ser reconstruído com urgência. Com a construção do “Muro” em 1961, a liderança da RDA bloqueou a rota via Berlim Ocidental para a República Federal e interrompeu a emigração.

### **As conquistas econômicas da RDA**

Na década de 1950, as grandes lacunas na cadeia produtiva, criadas pela guerra e pelas reparações, tiveram que ser superadas. O isolamento econômico da RDA levou a decisões pragmáticas: se o ferro não vinha do Ocidente, era preciso extraí-lo localmente, por mais cara ou de menor qualidade que fosse a sua produção. Se não houvesse carvão ou óleo disponível, eles usavam a única coisa que restava: lignite, única fonte de energia primária disponível em quantidades significativas no Leste. O seu uso era problemático do ponto de vista ecológico, mas não havia alternativa devido às circunstâncias externas. O foco do desenvolvimento nos primeiros anos foi a criação da sua própria indústria de maquinaria, ferro e aço como base para o desenvolvimento industrial. O primeiro Plano Quinquenal previa a duplicação da produção industrial entre 1951 e 1955.

As enormes fábricas que foram construídas por toda a república durante este período atraíram jovens para regiões antes escassamente povoadas, novas aldeias e cidades surgiram e tornaram-se o lar de milhares de pessoas. Em 40 anos, a RDA mudou fundamentalmen-



A Reforma Agrária Democrática na Zona de Ocupação Soviética, em 1945/46, perseguiu objetivos sociais e políticos. Garantiu o fornecimento de alimentos no dramático período do pós-guerra e mudou fundamentalmente a propriedade da terra. As aproximadamente 560 mil pequenas unidades agrícolas que emergiram da distribuição das terras por meio da reforma agrária estavam muitas vezes mal equipadas em termos materiais e técnicos. Uma campanha divulgada pelo cartaz de 1946 apelava ao apoio das empresas industriais e artesanais urbanas.

te a face das áreas agrícolas atrasadas da Alemanha do Leste. Com a gradual estabilização da economia da Alemanha Oriental e o crescimento da produção, o país conseguiu atrair um volume cada vez maior de investimentos. Só entre 1950 e 1960, este volume mais do que triplicou.

Outro objetivo ambicioso era superar as disparidades econômicas e sociais entre os distritos do norte e do sul e eliminar as contradições entre a industrialização urbana e rural. O grau de industrialização no sul foi significativamente maior do que no norte. Para abolir a diferença entre as áreas urbanas e rurais, o RDA desenvolveu um novo sistema agrícola, que se caracterizou pela reforma agrária e pela coletivização dos meios de produção agrícola. O país logo começou a desenvolver e expandir suas regiões produtoras de energia em áreas tradicionalmente agrícolas e construiu grandes unidades industriais que na época estavam entre as mais modernas da Europa. Além de novas centrais elétricas, a RDA construiu a maior refinaria de lignite da Europa em 1955.

Os centros de produção modernos mudaram cada vez mais a face de regiões que antes mal conseguiam alimentar suas populações empobrecidas. Na costa do Báltico, por exemplo, o desenvolvimento das indústrias marítima e portuária se acelerou e as indústrias de pesca e construção naval se tornaram a força motriz da região. Grandes fábricas de processamento de pescado e fornecedores para construção e manutenção de navios foram instaladas

enquanto os produtos importados eram submetidos ao processamento industrial. Esses avanços impulsionaram o comércio na região, permitindo que as áreas do norte se equiparassem ao resto do país.

Embora a RDA tenha começado com condições desfavoráveis e muitas desvantagens estruturais, o país alcançou uma média de crescimento econômico de 4,5% nos 40 anos de sua existência, mas ainda assim permaneceu atrás da RFA. Naquela época, como hoje, o fracasso da economia planejada foi citado pelo Ocidente como a razão para o atraso. Isso perpetua o mito de que “não há alternativa para a economia de mercado”. Os números disponíveis, no entanto, nos obrigam a questionar essa narrativa; em nenhum momento dos 40 anos de existência da RDA o crescimento econômico estagnou ou diminuiu, apesar das condições iniciais desiguais.

Havia também uma capacidade considerável de pesquisa e desenvolvimento. Para cada mil trabalhadores industriais, 23 foram empregados nessas áreas, colocando a RDA no mesmo nível de outros países industrializados ocidentais. Embora mais fundos estivessem disponíveis para pesquisa no Ocidente, a pesquisa da RDA registrava 12 mil patentes em 1988 - a sétima maior quantia em todo o mundo. Como resultado, a RDA foi capaz de aumentar a sua produção industrial em 1230% em 1989 e quintuplicar o seu Produto Interno Bruto para 207,9 bilhões de euros em termos atuais, tornando-se um dos quinze principais países industrializados do mundo.

Metade do rendimento nacional da RDA foi obtido a partir do comércio externo. Em 1988, a RDA exportou e importou dois terços dos seus produtos da e para a área econômica socialista; ao todo, ela teve relações econômicas com mais de 70 países. O maior parceiro comercial ocidental era a República Federal da Ale-

manha. Um volume tão elevado de exportações era um sinal de integração considerável no mundo do comércio internacional, tornando a RDA o 16º maior produtor de exportações do planeta e o 10º da Europa. Por meio de um planejamento econômico determinado, foi possível manter o equilíbrio entre as importações e as exportações ao longo dos 40 anos de existência do país.

O marco da RDA era uma moeda nacional que não era conversível no comércio externo e em viagens internacionais. Para obter a moeda livremente conversível, algo que o país precisava com urgência para as compras nos mercados mundiais, a RDA costumava vender seus produtos a preços excessivamente abaixo de seu valor real. Isso levou a um acordo em que a RFA fornecia produtos químicos e outras matérias-primas (carvão, coque, petróleo bruto) à RDA em grande escala e depois comprava os produtos refinados (gasolina, óleo para aquecimento, plásticos) a baixo custo. O impacto ambiental desses processos de refinação foi absorvido pela RDA. A fim de melhorar a situação cambial, várias empresas estatais foram contratadas, desde a década de 1970, para fabricar produtos para empresas ocidentais como parte da “licença de produção”, em alguns casos utilizando matérias-primas fornecidas pelo Ocidente. Isso permitiu que as empresas ocidentais lucrassem com os baixos salários na RDA, embora isso não represente nada sobre a situação real do rendimento na RDA, já que todos eram beneficiados pelos preços subsidiados para rendas e alimentos básicos e os benefícios sociais gratuitos. Os cidadãos da RDA referiam-se a isso como um “segundo pacote salarial”.

A RDA usou o dinheiro de seus produtos exportados para pagar a importação de matérias-primas essenciais e também para a construção de instalações mo-





Contra a guerra criminoso dos EUA - "A solidariedade ajuda a vencer" é o lema sob o qual os cidadãos da RDA expressam a sua solidariedade para com o povo vietnamita. A vontade de doar é grande; até 1975 foram recolhidos 442 milhões de marcos. A vitória das tropas vietnamitas do Norte em 1 de maio de 1975 é também celebrada em Berlim, ressoando uma canção: "Todos na rua, vermelho é maio, todos na rua, Saigon é livre ...". O quadro de 1972 mostra agricultores de cooperativa a entregar uma "bandeira de solidariedade" ao embaixador da República Democrática do Vietnã.

dermas necessárias ao desenvolvimento de sua economia. Construiu essas instalações com a ajuda de parceiros comerciais capitalistas, embora esses parceiros estrangeiros não tenham recebido uma participação financeira nas instalações construídas, como é habitual nas exportações de capital. Isso impediu o capital estrangeiro de se firmar na RDA.

### O internacionalismo da RDA

Enquanto a reputação da RDA como um parceiro econômico de confiança e justo crescia em todo o mundo, por muito tempo foi negado o reconhecimento internacional fora dos países do bloco socialista. O apoio da RDA aos movimentos de libertação contra as potências coloniais - ou seja, aos movimentos nacionais contra a dependência pós-colonial e a intervenção imperialista nas ex-colônias - garantiu uma crescente simpatia nos países em desenvolvimento, onde a RDA se destacou como campeã contra o neocolonialismo e o imperialismo. Em comparação, a política externa do Ocidente era anacrônica: as colônias eram mantidas com mão de ferro; permaneceram os regimes de apartheid; os vestígios fascistas do Portugal de Salazar e da Espanha de Franco foram apoiados na década de 1970; houve constantes tentativas de instalar ditaduras e regimes fantoches em ex-colônias e territórios dependentes; e construções como "Vietnã do Sul" foram aplicadas por meio de assassinatos em massa. Os Estados ocidentais garantiram suas vitórias temporárias e sangrentas sem nenhum princípio de democracia, liberdade e direitos humanos - mesmo de acordo com seus próprios padrões.

Em contrapartida, a RDA apoiou vários movimentos de libertação, como o Exército do Povo Vietnamita durante a Guerra do Vietnã; a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na Nicarágua; a Frente



de Libertação de Moçambique (FRELIMO), no Zimbábue; a União Popular Africana, o Partido da Independência Africana da Guiné e Cabo Verde (PAIGC); e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Enquanto o Ocidente caluniava Nelson Mandela e o Congresso Nacional Africano (CNA) como terroristas e “racistas” e conduzia negócios com o regime do apartheid na África do Sul – fornecendo até mesmo remessas de armas – a RDA apoiou o CNA, deu aos combatentes da liberdade treinamento militar, imprimiu suas publicações e cuidou de seus feridos. Após estudantes negros de uma escola no município do Soweto terem iniciado uma revolta contra o regime do apartheid a 16 de junho de 1976, o “Dia do Soweto”, a RDA começou a comemorar o Dia Internacional do Soweto como um sinal de solidariedade com a África do Sul e sua luta. Também na antiga colônia alemã da Namíbia foi a RDA quem apoiou a luta pela independência e acolheu várias centenas de crianças para que pudessem crescer em segurança e receber educação. Com o fim da RDA e a independência da Namíbia, os jovens da Alemanha unificada foram deportados e deixados por conta própria.

O posicionamento internacional e o compromisso da RDA com a solidariedade não eram apenas uma questão de política externa ou trabalho de grupos da sociedade civil – era um fenômeno de massa generalizado em toda a sociedade que estava profundamente enraizado na vida cotidiana. A amizade entre os povos destacava-se nos enormes murais artisticamente projetados, bem como nas cartas ou selos postais. As doações de cidadãos foram coletadas pelo Comitê de Solidariedade da RDA, que recebeu um total de 3,7 bilhões de marcos da Alemanha Oriental entre 1961 e 1989. A arrecadação de fundos foi reunido por organizações de massa, como a Federação Sindical Livre Alemã da RDA, em que os trabalhadores contribuíram



Contra a guerra criminosos dos EUA - "A solidariedade ajuda a vencer" é o lema sob o qual os cidadãos da RDA expressam a sua solidariedade para com o povo vietnamita. A vontade de doar é grande; até 1975 foram recolhidos 442 milhões de marcos. A vitória das tropas vietnamitas do Norte em 1 de maio de 1975 é também celebrada em Berlim, ressoando uma canção: "Todos na rua, vermelho é maio, todos na rua, Saigon é livre ...". O quadro de 1972 mostra agricultores de cooperativa a entregar uma "bandeira de solidariedade" ao embaixador da República Democrática do Vietnã.

com diversas campanhas de solidariedade, como o trabalho acima da meta ou a aquisição de selos de solidariedade.

Os heróis dos movimentos de independência no Sul Global já eram bem conhecidos entre os cidadãos da RDA, mesmo que o Ocidente continuasse a retratá-los como criminosos e o resto da população apenas como



A Juventude Alemã Livre, membro da Federação Mundial da Juventude Democrática (WBDJ), acolhe o X. Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes em Berlim. Oito milhões de jovens cidadãos da RDA reúnem-se com 25.600 convidados de 140 países, celebram, discutem, levantam a sua voz em prol da paz e da compreensão internacional. Entre os convidados encontra-se a ativista do movimento Black Power Angela Davis (aqui na tribuna VIP ao lado da Ministra da Educação Popular Margot Honecker e da cosmonauta soviética Valentina Tereshkova), cuja detenção e acusação nos EUA tinha desencadeado uma onda mundial de protestos.

pessoas carentes sem educação que não teriam futuro sem a ajuda e liderança do Ocidente. Nomes e destinos como os de Patrice Lumumba, Kwame Nkrumah, Ahmed Sékou Touré, Julius Nyerere, Agostinho Neto, Samora Machel e Nelson Mandela eram conhecidos e celebrados na RDA. A solidariedade estendeu-se até ao coração das grandes potências imperialistas:

quando Angela Davis foi julgada como terrorista nos EUA, um correspondente da RDA presenteou-a com flores no Dia Internacional de Luta das Mulheres. Em uma demonstração de solidariedade muito maior, os alunos da RDA lideraram a campanha 'Um milhão de rosas para Angela Davis', durante a qual entregaram caminhões de cartões com rosas pintadas à mão para ela na prisão. O juiz ficou impressionado e todas as crianças na Alemanha Oriental sabiam quem era Angela Davis.

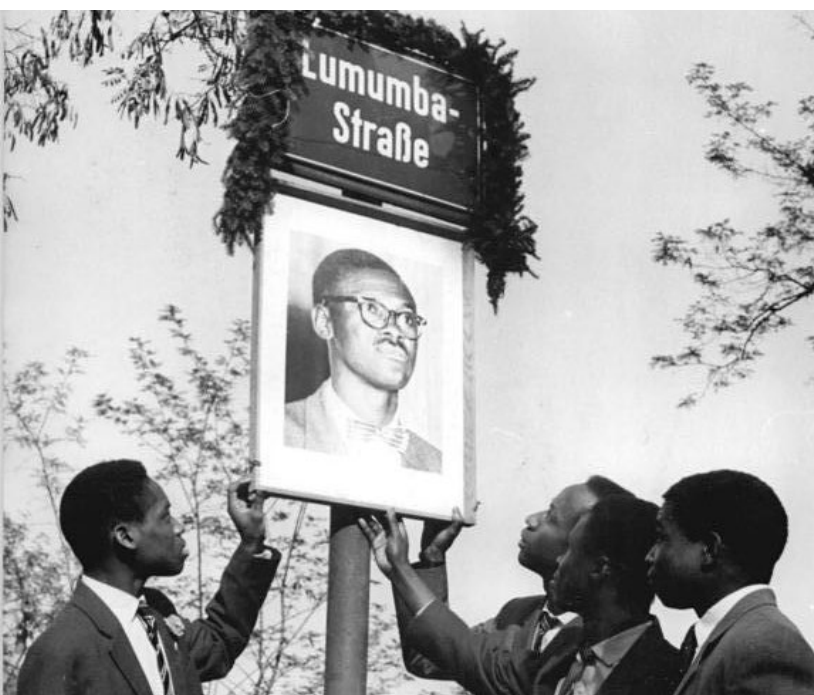
Embora suas histórias não sejam tão conhecidas, houve um grande número de cidadãos da RDA - jovens, estudantes, cientistas e trabalhadores - que participaram de projetos de solidariedade em todo o mundo. Entre 1964 e 1988, por exemplo, 60 brigadas de amizade da Juventude Alemã Livre, a organização coletiva da juventude da RDA, foram implantadas em 27 países para compartilhar conhecimento, ajudar no desenvolvimento, criar oportunidades de formação e condições para independência econômica. Alguns desses projetos ainda existem, às vezes com nomes diferentes, como o Hospital Karl Marx na capital da Nicarágua, em Manágua, o Hospital da Amizade Germano-Vietnamita em Hanói, no Vietnã, ou a fábrica de cimento Karl Marx em Cienfuegos, Cuba, para citar apenas alguns.

Ao mesmo tempo, muitos jovens do mundo inteiro vieram estudar na RDA. Os primeiros estudantes estrangeiros foram onze jovens nigerianos que participaram do Festival Internacional da Juventude e Estudantes de 1951 em Berlim Oriental. Quando o governo colonial britânico recusou a reentrada deles em seu país de origem, eles ingressaram na Universidade de Leipzig. A aula preparatória em que aprenderam a língua alemã evoluiu para o Instituto Herder, onde os alunos estrangeiros fizeram um curso de língua de um ano para se prepararem para os estudos. Mais de

22 mil alunos de 134 países se formaram no instituto, que também enviou professores para universidades estrangeiras. Mais de 50 mil estudantes estrangeiros concluíram com êxito a sua formação nas universidades e faculdades da RDA. O curso foi financiado com o orçamento de Estado da RDA. Regra geral, não havia mensalidade, com a maioria dos estudantes internacionais recebendo bolsa de estudos e sendo hospedados em residências universitárias. A atenção especial

dada aos Estados africanos e aos movimentos anticoloniais refletiu-se no aumento do número de estudantes. Além disso, as crianças encontraram refúgio na RDA, como as da Namíbia que foram resgatadas dos perigos da guerra de independência. Em 1982 foi inaugurada a “Escola da Amizade”, que permitiu que 899 crianças e jovens moçambicanos frequentassem a escola e a formação profissional na RDA.

Além de crianças, estudantes e estagiários de todo o mundo, muitos trabalhadores contratados de países amigos vieram para a RDA a fim de receber formação e trabalhar na produção. Esta cooperação entre os países ficou estipulada no “Acordo de Formação e Emprego de Trabalhadores Estrangeiros”. Eles vieram em particular de Moçambique, Vietnã e Angola, mas também da Polônia



Uma rua para Patrice Lumumba. Quando o combatente pela liberdade e primeiro-ministro do Congo independente é assassinado em 1961, a liderança distrital do FDJ em Leipzig erige um monumento. No mesmo ano é revelada em frente à entrada do Instituto Herder, onde estudantes estrangeiros são preparados para os seus estudos, e a rua - na presença de estudantes congolese - é rebatizada Lumumbastraße.

e da Hungria. Após o fim da RDA, os contratos foram rescindidos, o que, para a maioria dos trabalhadores contratados, significou a perda da autorização de residência. Eles não receberam salários ou indenizações pendentes.

Embora a Alemanha Ocidental já tivesse apoiado a migração temporária de trabalho, no final da década de 1980 as manchetes da Europa Ocidental declaravam que “o barco estava cheio”, pois os partidos de direita desfrutavam de sucesso crescente e - uma vez que a RDA fosse absorvido - a Alemanha Ocidental se preparou para abolir a direita para asilo.

O país tornou-se cada vez mais internacional até o fim: o número de trabalhadores contratados aumentou de 24 mil em 1981 para 94 mil em 1989. No mesmo ano, a China sinalizou que queria aumentar significativamente o número de trabalhadores contratados no futuro. Isso teria sido muito conveniente para a RDA onde, ao contrário do Ocidente, havia escassez de mão de obra, tendo a China, por outro lado, enfatizado que ela própria e os outros Estados socialistas só poderiam se beneficiar de uma economia crescente da RDA. Em 1989, todos os estrangeiros na RDA receberam o direito pleno ao voto em eleições municipais, podendo apresentar candidatos. Essa forma de participação é negada no Ocidente até hoje.

Um exemplo vivo de cooperação internacional entre Estados socialistas foi a relação entre a RDA e o Vietnã. Para garantir o fornecimento de café, cujo preço crescente no mercado mundial afetava os apertados fundos de divisas da RDA, e ao mesmo tempo para dar ao Vietnã a oportunidade de negociar em pé de igualdade, a RDA investiu de forma significativa na cultura local do café, incluindo a entrega de material e intercâmbio com especialistas e o desenvolvimento de estruturas técnicas e sociais, algumas das quais ainda hoje existem. Isso formou a base para que o Vietnã se



tornasse, hoje em dia, o segundo maior produtor de café do mundo. Em contraste com as relações comerciais atuais entre os Estados capitalistas, a RDA não se limitou a comprar de um país, mas cooperou com os seus parceiros comerciais. A máxima era que a RDA não fazia especificações gerais, mas decidia em conjunto com os parceiros sobre como seria a cooperação entre os países de acordo com as respectivas necessidades econômicas. Este era um sistema econômico internacional que visava a cooperação e a promoção da soberania, em vez da competição e dependência.

Esse tipo de trabalho de solidariedade contrastava fortemente com a ajuda ao desenvolvimento do Ocidente, por meio da qual as nações mais ricas alavancavam seus recursos para manter sua posição de poder e impor as vendas de suas próprias indústrias às custas do desenvolvimento de outras. Uma vez que os atos supostamente altruístas do Ocidente são motivados por uma fome de lucros ao invés de um compromisso com a solidariedade, este ato altruísta tende a ser imperialista na medida em que coloca condições para ajuda sob os auspícios capitalistas, da qual as corporações podem se beneficiar. Diferentemente, a RDA, junto com seus aliados socialistas, agiu de forma igualitária e conforme o necessário. Nos países em que prestou assistência, ajudou a nação a tornar-se autônoma, construindo indústrias e infraestruturas locais de acordo com as necessidades do respectivo país, bem como capacitando pessoas.

Essa atitude e essas ações da RDA receberam reconhecimento político internacional. O primeiro país fora do Bloco do Leste a reconhecer diplomaticamente a RDA foi a República Unida de Tanganica e Zanzibar (mais tarde, Tanzânia), em 1964. O governo da RDA enviou então navios com materiais de construção, bem como engenheiros e operários da construção. Esses trabalhadores montaram dois grandes distritos





Em 1963, o protetorado britânico de Zanzibar ganhou a sua independência. No ano seguinte, a República Unida de Tanganica e Zanzibar tornou-se o primeiro estado fora do Bloco Oriental a reconhecer oficialmente a RDA como um estado. A RDA enviou então engenheiros civis e materiais de construção para Stonetown, um bairro na capital de Zanzibar, para construir dois grandes blocos de apartamentos. Agora, anos depois, eles continuam a ser um espaço de habitação procurado. "Berlim", os habitantes chamam-lhes, e dizem: "Todos aqui conhecem os edifícios... As casas estão lá há muito tempo. Os nossos pais dizem que foram construídos sob o mandato do primeiro Presidente Karume. Muitas pessoas vivem neles".

habitacionais pré-fabricados no arquipélago de Zanzibar que, até hoje, fornecem moradias para cerca de 20 mil pessoas. Isso desencadeou um avanço no reconhecimento internacional em todo o Sul Global. Em 1969, Sudão, Iraque e Egito estabeleceram relações diplomáticas com a RDA e, em 1979, a República Centro-Africana, Somália, Argélia, Ceilão (agora Sri Lanka) e Guiné seguiram o exemplo. Sob a pressão dessa onda de reconhecimento, em 1969 o novo governo de coligação social-democrata da República Federal da Alemanha abandonou a Doutrina Hallstein e tolerou o reconhecimento legal da RDA, mas insistiu até ao fim que todo o cidadão da Alemanha Oriental era antes de tudo um cidadão do seu país. Quando os estados do Ocidente estabeleceram relações diplomáticas com o "segundo estado alemão" entre 1972 e 1974, a RDA já havia alcançado o que vinha lutando ao longo dos últimos 20 anos: o reconhecimento internacional.

Em junho de 1973, a Alemanha Ocidental e a RDA foram aceitas nas Nações Unidas, onde a RDA consistentemente fez campanha contra as armas nucleares, defendeu a segurança internacional e o desarmamento e desempenhou um papel decisivo na Convenção so-

Estudos sobre a RDA

bre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, entre outras iniciativas.

**“Produzir mais, distribuir com mais justiça, viver melhor!”**

O caminho socialista da RDA baseava-se na visão marxista de que uma sociedade socialmente justa só pode ser moldada com base em meios de produção socializados. A propriedade socialista foi definida de três formas: como propriedade comum de toda a sociedade, como propriedade comum de associações coletivas de trabalhadores e como propriedade de organizações sociais. A constituição estipulava que a operação de empresas comerciais privadas, que con-

## Propriedade pública

1.  
Os seguintes recursos são considerados propriedade pública nacional cuja propriedade privada é proibida: depósitos minerais, minas, usinas de energia, barragens, grandes corpos d'água, recursos naturais encontrados em plataformas continentais, empresas industriais, bancos, instituições de seguros, bens estatais, rotas de tráfego, meios de transporte ferroviário, marítimo e aéreo, correios e instalações de telecomunicações.

2.  
O estado socialista garante o uso da propriedade pública com o objetivo de alcançar o melhor resultado para a sociedade. É para isso que servem a economia planificada socialista e a lei econômica socialista. O uso e a gestão dos bens públicos são geralmente realizados pelas empresas públicas e instituições estatais. O Estado pode transferir o seu uso e gestão para organizações e associações cooperativas ou sociais por meio de contratos. Essa transferência deve servir os interesses do público em geral e o aumento da riqueza social.

*Artigo 12.º da Constituição da República Democrática Alemã de 1968*

tinuavam a existir em menor proporção, deveria “satisfazer as necessidades sociais e aumentar a riqueza do povo”, e “associações econômicas privadas para o estabelecimento do poder econômico” não eram per-

mitidas. Estes princípios constitucionais foram implementados de forma consistente. A parcela da propriedade pública na indústria e no comércio aumentou para 98% em 1989.

O tipo de gestão econômica estava intimamente ligado à questão da propriedade. Na economia socialista planejada, os processos econômicos e sociais eram controlados centralmente pelo Estado e pelo partido dirigente. As empresas recebiam tarefas específicas de planejamento de quantidade, estrutura e distribuição dos seus produtos, e foram alocados os recursos necessários para investimentos, mão de obra e materiais. As metas econômicas nacionais foram programadas principalmente em planos prospectivos para um período de cinco anos, e o necessário desenvolvimento da capacidade econômica também foi

### Definição de *Kombinat*

A partir do final da década de 1960, empresas estatais individuais na indústria, construção e transporte foram gradualmente fundidas em unidades econômicas maiores, os *Kombinat*. Em 1989, cerca de 80% de todos os funcionários trabalhavam nestes agrupamentos industriais. Nos *Kombinat*, por assim dizer “corporações socialistas”, reuniam-se a produção, a comercialização e a distribuição de um ou mais ramos complementares de produção. As associações tinham institutos e capacidades de pesquisa e desenvolvimento e cooperavam com academias e universidades. O objetivo da formação de um *Kombinat* era a criação de estruturas de produção mais baratas, a introdução eficaz de novos tipos de soluções tecnológicas e um controle centralizado mais eficiente. As empresas pertencentes a um *Kombinat* assim como o *Kombinat* recebiam suas tarefas da Comissão Estatal de Planificação.

planejado. De acordo com o princípio do centralismo democrático, todos os fatores da vida econômica que partiam dos responsáveis estatais pelo planejamento foram primeiro dados aos *Kombinat* (agrupamentos industriais) e empresas e depois decididos a partir de seus comentários. As autoridades de planejamento determinavam os preços de todos os bens e serviços,

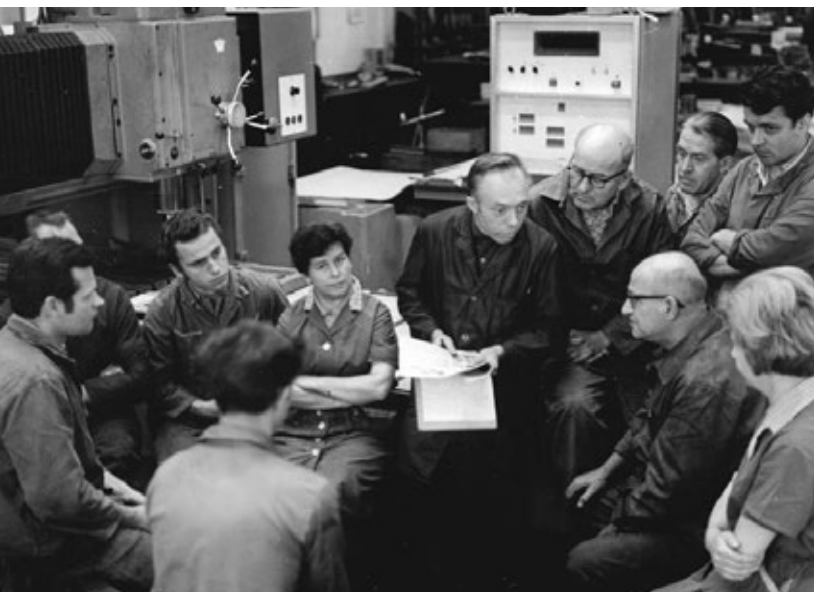
o que significa que se aplicavam preços uniformes a todos os bens de consumo na RDA.

A formação de trabalhadores qualificados e quadros universitários também foi planejada de forma centralizada, desenvolvendo-se de acordo com as necessidades econômicas nacionais e as áreas de aplicação. A RDA partiu do princípio de que o pleno emprego é a melhor política social e é um direito humano. O direito e o dever de trabalhar eram, portanto, uma parte indispensável da sociedade socialista na RDA. O direito ao emprego estava ancorado na Constituição: “Todo o cidadão da República Democrática Alemã tem direito a trabalhar. Ele tem direito a um emprego e a escolhê-lo livremente de acordo com as necessidades da sociedade e as suas qualificações pessoais.”

O objetivo declarado, que se encontrava consagrado em numerosos dispositivos legais e conceitos de política econômica, era organizar o trabalho de forma que todos participassem de acordo com as suas capacidades e recebessem a sua parcela individual do produto nacional conforme o seu desempenho. Este princípio de desempenho socialista garantiu que as contribuições dos indivíduos para a sociedade determinassem o grau de reconhecimento social que recebiam por seu trabalho. Desta forma, a RDA se via como uma sociedade que aplicava o princípio “de cada um de acordo com suas habilidades, cada um de acordo com sua contribuição”. Um importante instrumento de trabalho foi a “competição socialista”, cuja primeira versão foi lançada em 1947 em algumas empresas estatais da zona de ocupação soviética sob o lema “Produzir mais, distribuir com mais justiça, viver melhor!”. Nele, os membros de um coletivo de trabalhadores se comprometiam a aumentar a produtividade a fim de cumprir o plano de forma particularmente rápida ou acima da meta.

Os direitos e obrigações dos trabalhadores, como a participação nas empresas, a estruturação das condições de trabalho e o respeito pela dignidade dos trabalhadores, foram consagrados num “código do trabalho” provavelmente único a nível mundial. Os chamados “acordos coletivos de empresa” eram celebrados

anualmente entre a direção de fábrica e as associações coletivas de trabalhadores, que serviam tanto para cumprir os requisitos do plano como para melhorar as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores. Em 1987, 98% dos trabalhadores e empregados eram membros da Federação Sindical Livre Alemã. Acordos concretos foram feitos entre a direção do sindicato da empresa e os diretores de fábrica, como para garantir os cuidados de saúde e apoio social dos funcionários, definir as condições de trabalho, desenvolver a vida intelectual, cultural e desportiva, promover a formação e educação continuadas e especialmente para a promoção das mulheres. Depois de os planos serem discutidos nas reuniões sindicais da empresa, a sua implementação era analisada duas vezes por ano em assembleias gerais, sob a responsabilidade do sindicato e da administração. Os acordos coletivos da



“O meu local de trabalho - um campo de batalha pela paz” era o lema nas fábricas da RDA. O fato de o trabalho servir não só o sustento do indivíduo, mas também o bem-estar de todos e assegurar a existência do Estado dos trabalhadores e agricultores, faz tanto parte da forma socialista de trabalhar e viver como a visão de que o indivíduo só pode desenvolver-se plenamente na comunidade com outros e que o trabalho é o lugar decisivo para a formação da personalidade. Por exemplo, as atividades culturais conjuntas dos coletivos de trabalho fazem parte da vida cotidiana, tal como as discussões sobre eventos políticos. A fotografia mostra membros de uma brigada de trabalho na VEB Mikromat Dresden a redigir uma resolução de protesto condenando o ataque neo-nazista a um soldado soviético no Memorial do Exército Vermelho de Berlim Ocidental em novembro de 1970.



Melhor alojamento para todos. O direito à habitação está consagrado na Constituição. A peça central de uma série de medidas de política social é um programa abrangente de construção de habitação em 1973. Em quase todas as cidades são construídos novos bairros residenciais com “construção de complexos habitacionais”, o que inclui também as infraestruturas sociais, como escolas, jardins de infância, instalações desportivas, policlínicas, lojas, restaurantes, cinemas. A habitação é acessível, os aluguéis são congelados ao nível de 1936. Uma família da RDA gasta cerca de 5% do seu rendimento em habitação. A imagem mostra o desenvolvimento da cidade dos anos 60 no centro de Berlim.

empresa garantiam a participação dos trabalhadores na gestão e no planeamento da empresa.

Os cidadãos viviam com um alto nível de seguridade social. Todos tinham trabalho e um lugar para morar. Aluguéis baixos e preços estáveis dos bens de consumo, eletricidade, água e tarifas de transporte garantiam a vida cotidiana. O estado subsidiava aluguéis e mantimentos básicos com milhares de milhões de marcos. No início da década de 1970, foi lançado um programa de construção de moradias em um grande esforço para solucionar o problema social da insuficiência habitacional. Antes, valia a regra “cada um com uma habitação”; agora o objetivo era “cada um com a sua habitação”. A construção de complexos habitacionais, incluindo a criação de infraestruturas sociais como escolas, creches, instalações desportivas, policlínicas, lojas, restau-

rantes e cinemas, minimizou a necessária renovação dos bairros antigos do centro da cidade. Mais de três milhões de apartamentos foram construídos ou reformados, cerca de 2 milhões dos quais eram novos. Nos últimos 20 anos da RDA, um em cada dois cidadãos mudou-se para um novo lar.

A educação e os cuidados de saúde eram gratuitos,



as oportunidades educacionais, culturais e recreativas variadas e acessíveis a todos. Em termos de número de mulheres trabalhadoras, a RDA estava entre os melhores países do mundo; em 1989, 92% das mulheres trabalhavam e a proporção de alunas nas universidades chegava a quase 50%. As mães trabalhadoras conseguiram conciliar trabalho e família por meio de medidas sociopolíticas especiais, como o ano do bebê, um dia de folga para tratar das questões da casa, o estudo especial para mulheres, a assistência estatal ao parto e a assistência integral à criança e à educação. A RDA era um Estado amigo das crianças. Jardins de infância, assistência pós-escolar, refeições nas escolas, acampamentos de verão e atividades desportivas eram acessíveis ou mesmo gratuitas para todos.

Esses benefícios sociais ocupavam grande parte da capacidade econômica de trabalho e de investimento do país. Mas a divisão da sociedade de acordo com a propriedade foi superada e a contradição entre ricos e pobres resolvida. A RDA era uma sociedade igualitária, uma comunidade baseada na solidariedade, na qual - como disse a escritora Daniela Dahn - "estar junto contava mais do que as posses". Não havia áreas residenciais para ricos, havia mistura social; não havia escolas de elite, mas educação gratuita para todos e apoio para crianças especialmente dotadas; havia uma rica vida cultural na qual todos podiam participar. Não houve exclusão social. Não havia sem-teto nem desempregados. São precisamente esses aspectos do socialismo na República Democrática Alemã que a série "Estudos sobre a RDA" examinará mais detalhadamente nas suas edições subsequentes.

## Ideais socialistas, condições moderadas, questões abertas

“O pior socialismo é melhor do que o melhor capitalismo”, escreveu o poeta Peter Hacks, que se mudou da República Federal para a RDA. “O socialismo, aquela sociedade que foi derrubada pela sua virtude (o que é um equívoco do mercado mundial): que, para além da acumulação de capital na sua economia, leva em conta outros valores: o direito dos seus cidadãos à vida, felicidade e saúde; arte e ciência; o valor do uso e o fim do desperdício. Porque, quando se trata de socialismo, não é o crescimento econômico, mas o crescimento humano que é o verdadeiro propósito da economia”.

## Contradições na prática da economia planificada

Nos anos de 1950, o slogan “alcançar sem ultrapassar” propagou o postulado econômico de que os valores sociais e humanos aparecem ao lado dos valores de consumo. A segurança social e as altas conquistas culturais da sociedade da RDA tornaram-se uma questão natural para muitos - eles viam estes dois elementos como garantidos e exigiam maior prosperidade individual. Mas a RDA não foi capaz de alcançar os bens de consumo oferecidos pelas sociedades ocidentais.

O mundo ilimitado de bens no Ocidente e a sua cultura pop sempre produziram novas necessidades, especialmente entre os jovens da RDA, que eram considerados “anti-socialistas” por causa de sua associação com o capitalismo. Os planos econômicos não conseguiam acompanhar as ambições de muitos cidadãos

“

“Quem quer construir um novo e melhor sistema social deve sempre observar esta doutrina: só funciona se a maioria das pessoas puder ser conquistada. Mostramos que boas condições sociais e de trabalho são rapidamente dadas como certas. As pessoas sucumbem à sedução da propriedade e do consumo quando pensam que outro sistema pode ser melhor para elas. ... O sistema social da RDA tinha o objetivo declarado de satisfazer cada vez mais as necessidades materiais e culturais do povo. A base para isso deveria ser criada pelo rápido aumento da produtividade do trabalho. O socialismo venceu quando superou o capitalismo nessas áreas, dizia-se. ... Sugeriu-se que o povo iria cumprir esta tarefa nos anos 90. Essa meta era irrealista e equivocada. Irrealista porque um país capitalista líder que explora as pessoas e a natureza como a RFA não pode ser superado em produtividade e eficácia. Estava errado porque, numa sociedade socialista, o consumo em massa não deveria representar o propósito da vida das pessoas. A liderança nos países socialistas europeus não tinha esse conhecimento e, portanto, não podia transmiti-lo ao seu povo. O povo reconheceu que esta era uma promessa falsa e não estava mais disposto a tolerar a ilusão. Eles queriam ser levados a sério e saíram às ruas sob o lema “Nós somos o povo”.

Klaus Blessing, economista e chefe do departamento de engenharia mecânica e metalurgia do Comitê Central do SED

”

”

quanto aos níveis de consumo no Ocidente, o que gerou frustrações. Isto tornou-se ainda mais evidente quando, a partir de 1974, os cidadãos da RDA que tinham dinheiro em moeda conversível - por exemplo, como presentes de familiares na República Federal ou por meio de receitas de suas próprias atividades internacionais - puderam comprar produtos importados do Ocidente em lojas especiais (“Intershops”). Por parte das lideranças políticas, por outro lado, a expectativa de que as conquistas sociopolíticas do Estado aumentariam diretamente a vontade da classe trabalhadora e, portanto, a produtividade do trabalho, não se confirmou. Os gastos com os subsídios consumiram o desempenho econômico, sem estimular a produtividade na mesma medida. A competição com o seu vizinho

ocidental levou repetidamente a RDA a tomar medidas sociais que não podia pagar.

Com o objetivo de dar mais visibilidade cotidiana à relação entre o desempenho profissional dos indivíduos e sua respectiva posição econômica e social, iniciou-se um processo de modernização econômica na década de 1960. Foi desenhado um novo sistema econômico de gestão e planejamento que, por meio de lucros e bônus, tornou as empresas mais orientadas para o desempenho e, ao mesmo tempo, mais independentes. Este conceito, no entanto, não encontrou ressonância em nenhum dos outros países socialistas. Ainda faltava coordenação no desenvolvimento científico e tecnológico entre os membros do COMECON.

O princípio da “unidade da política econômica e social” formulado no início da década de 1970 pressupunha a existência de uma produção suficiente e efetiva. No entanto, o agravamento do quadro econômico externo pressionou a economia, especialmente no que diz respeito ao aumento dos custos de energia. Entre 1970 e 1990, o preço do petróleo aumentou 13 vezes e o custo da extração de lignite duplicou. O

“

“A competição entre sistemas sociais deixou de ser sobre objetivos de vida - passou a ser sobre padrões de consumo. Mas se a batalha com um mundo de ofertas culturais superiores devesse ser vencida - e pode-se perguntar se isso algum dia foi realmente possível - então pelo menos não teria sido baseada em sua própria produção de bens de consumo, mas em um sistema alternativo que se concentra no desenvolvimento da humanidade como um todo e sua cultura.”

Hans Heinz Holz, filósofo marxista

”



Na década de 1950, a indústria da energia estava no centro do planejamento econômico. É construída a “Schwarze Pumpe Gas Combine”, a maior instalação de refinação de lignite do mundo (foto de 1974). Uma nova cidade, Hoyerswerda, é construída para os 16.000 empregados do Kombinat. A lignite é a única matéria-prima nacional digna de menção, e a sua utilização tornou a região independente das importações de matéria-prima do Ocidente. A lignite continuou a ser a fonte de energia mais importante da RDA até 1990.

governo cumpriu os benefícios sociais prometidos e não questionou os subsídios extraordinariamente altos para preços e aluguéis. Resultado: as modernizações urgentemente necessárias, como por exemplo nas matérias-primas e nas indústrias químicas, não ocorreram. Uma política econômica e social nacional em benefício da população só pode existir se houver uma alta proporção de propriedade socializada. Na RDA, essa proporção era tão alta que atrapalhava as iniciativas no comércio especializado, nos pequenos negócios e no varejo. Um dos problemas da economia era que os planos e balanços eram sempre fonte de tensões e muitas vezes exagerados, deixando muito pouca margem de erro para desenvolvimentos inesperados.

A população da RDA olhava para o Ocidente “rico” e comparava o padrão de vida. Eles não avaliavam o poder de compra do seu dinheiro de acordo com o custo dos bens necessários à vida diária. O preço de 6 mil marcos por uma televisão a cores causava insatisfação, mas o fato de que 2 kg de pão custavam um marco era dado como um direito adquirido. A alimentação básica e as necessidades diárias eram subsidiadas, enquanto os preços dos produtos não essenciais deveriam cobrir os custos e gerar lucros - uma conexão que não era óbvia para

grande parte da população da RDA. Não havia taxa de câmbio oficial entre o marco da RDA e o marco da RFA. O marco da RDA era exclusivamente uma moeda nacional, mas uma comparação dos preços relativos dos mesmos produtos de uso diário levava à conclusão de que o poder de compra do marco na RDA era 8% maior do que o poder de compra do marco na República Federal da Alemanha.

### O valor econômico da RDA

O primeiro Estado socialista alemão foi exposto a preconceitos e tentativas de deslegitimação durante e depois de sua existência. A política de memória na Alemanha hoje pinta um quadro de uma “ditadura totalitária” e uma “economia em dificuldades”. O desempenho econômico do país é negado e a narrativa generalizada da tomada de controle de um Estado falido persiste.

No entanto, a RDA não estava tão “delapidada” como afirmam. Havia fábricas velhas e improdutivas, mas também algumas altamente produtivas. Metade do equipamento tinha menos de dez anos e mais de um quarto tinha menos de cinco anos - um resultado muito bom numa comparação internacional. Havia um grande número de empresas ultramodernas com maquinaria parcialmente importada do Ocidente e parcialmente produzida pela engenharia mecânica da RDA ou empresas especializadas nos *Kombinat*. Essas empresas poderiam ter permanecido em operação, mas quando a RDA foi dissolvido, a *Treuhandanstalt* (instituição estatal alemã responsável pela privatização), privatizou rapidamente as empresas da RDA e eliminou os concorrentes da Alemanha Oriental.

Contra o mito persistente de que a RDA estava falida, vale a pena analisar a dívida na Alemanha Oci-



dental e na do Leste: As dívidas da RDA com Estados não socialistas totalizavam cerca de 20 bilhões de marcos em 1989. As chamadas “dívidas antigas”, que consistiam em empréstimos imobiliários e dívidas internas do orçamento do Estado, foram incluídas nos cálculos da dívida interna da RDA após a reunificação alemã, de modo que surgiu um total de 66 bilhões, o que levou a um dívida total de 86 bilhões de marcos alemães. Na economia planificada da RDA, as empresas tinham que transferir as suas receitas para o Estado. Dessa receita, o Estado transferia de volta os fundos de investimento às empresas agrícolas e industriais. Essas transferências, como unidades econômicas independentes, eram procedimentos contábeis internos que não foram registrados como “dívidas” no sistema geral; eles se equilibravam e, portanto, não deveriam ser contados como parte do saldo da dívida.

No entanto, outros estados socialistas deviam à RDA 9 bilhões de marcos alemães, de modo que a dívida total pode ser estimada em cerca de 75 bilhões de marcos alemães. Uma comparação com a dívida interna total da Alemanha Ocidental de cerca de 475 bilhões de marcos alemães mostra que cada alemão ocidental contribuiu com quase duas vezes e meia mais dívida per capita para a Alemanha reunificada do que seus irmãos e irmãs “pobres” do leste. Em 1989, a dívida da RDA era de cerca de 19% do seu PIB, enquanto a dívida da RFA era de 42%.

Perante estes números, é totalmente infundado falar da falência ou insolvência da RDA em 1989. Até o fim, a RDA pagou as suas dívidas, tanto externas (empréstimos de bancos estrangeiros) como internas (salários, subsídios, pensões, etc.).

A *Treuhand* da Alemanha Ocidental estimou o valor econômico da RDA em cerca de 600 bilhões de marcos em 1990. Mas esse cálculo também carece de

### **Treuhand (instituição alemã de privatização)**

A *Treuhandanstalt*, fundada em 1990, deveria privatizar as empresas estatais da RDA de acordo com os princípios da economia de mercado e liquidar as empresas "não competitivas". Assumiu mais de 8.500 empresas em 45 mil locais, onde trabalhavam cerca de 4 milhões de pessoas. 6500 empresas foram privatizadas e vendidas muito abaixo do seu valor - muitas vezes pelo preço de um único marco alemão simbólico - cerca de 80% delas a investidores da Alemanha Ocidental, 15% a investidores estrangeiros e 5% a alemães do Leste. Dois terços de todos os empregos na Alemanha Oriental foram perdidos, embora os compradores da Alemanha Ocidental tenham sido subsidiados pelo Estado. As violações de obrigações de execução - como a retenção do emprego - ficaram impunes e muitos dos direitos trabalhistas pelos quais os sindicatos da Alemanha Ocidental lutaram foram abolidos nesse processo. Um procedimento que ainda torna o leste da Alemanha economicamente mais fraco do que o oeste e garante uma desigualdade social duradoura. Hoje, existem apenas 850 mil empregos industriais na Alemanha Oriental, quatro a cinco vezes menos do que na RDA. No setor agrícola, as terras tomadas pela *Treuhand* tornaram-se objeto de especulação internacional, com os preços das mesmas em alta impedindo o acesso de agricultores locais. Empresas agrícolas da Alemanha Ocidental e de outros países da UE são os atuais proprietários.

bens públicos, como água e centrais de energia, recursos minerais e terras, que representam ativos fixos consideráveis. Além disso, quase 4 milhões de hectares de propriedades florestais e agrícolas, estimadas em 440 bilhões de marcos alemães, bem como extensas propriedades residenciais, propriedade dos partidos e organizações coletivas e outros valores foram assumidos pela *Treuhand*. Além dos ativos totais da RDA, existiam ativos administrativos e financeiros do governo na forma de edifícios e terrenos, bem como ativos estrangeiros, estimados em um bilhão de marcos alemães.

Juntando todos esses números, alguns dos quais são apenas estimativas, fica claro que o Leste detinha ativos com um valor total de material de cerca de 1,4 trilhão de marcos alemães. Esse era o verdadeiro valor econômico da RDA. Com a "liquidação" da economia da RDA, ocorreu uma destruição das forças produtivas sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial, o que levou a um brutal enriquecimento das corporações da Alemanha Ocidental e de proprietários ante-

riormente expropriados.

O desemprego e a desvantagem estrutural fizeram com que quase 4 milhões de jovens deixassem o leste da Alemanha, a taxa de natalidade caísse drasticamente, o declínio econômico e social deixasse regiões antes prósperas a definharem: escolas, escritórios, instituições culturais e de abastecimento foram fechadas, e as infraestruturas atrofiadas. Os políticos alemães tinham prometido “paisagens florescentes”, em vez de áreas desindustrializadas e regiões empobrecidas. A desilusão de muitos cidadãos logo se instalou. Muitos deles foram às ruas em 1989 por um “socialismo melhor”, exigindo mais democracia, com o *slogan* “Nós somos o povo”. A ideia de resgatar algumas das garantias sociais da sociedade socialista para a Alemanha capitalista naturalmente acabou por ser uma ilusão, sendo economicamente deixados para trás e muitas vezes em condições de vida precárias. As conquistas não foram levadas em conta e foram questionadas. Essa crescente insatisfação foi explorada por círculos de direita na velha República Federal. Estruturas de direita sempre existiram na República Federal, muitas vezes lutando apenas sem entusiasmo. A “visão” de uma Grande Alemanha ressurgente, baseada em ideias de direita, encontrava agora defensores em círculos muito mais amplos da sociedade no decurso da unificação alemã, enquanto a mídia e a política fizeram tudo o que era possível para desacreditar constantemente as ideias de esquerda após o “fracasso do projeto socialista”.

A riqueza saqueada do Leste também abriu o caminho para a Alemanha se tornar a potência hegemônica de uma Europa que até hoje continua a tratar os trabalhadores da Europa Oriental como cidadãos de segunda classe, sistematicamente colocou a África em desvantagem econômica e literalmente afogou as

pessoas em suas fronteiras externas. É importante lutar contra este imperialismo, mas também reconhecer de onde ele vem e que alternativas podem ser possíveis. A história do desenvolvimento econômico na RDA, por exemplo, mostra o que é possível sob o socialismo, apesar das condições adversas.

O sistema econômico da RDA e suas realizações no campo da política social brevemente descritas aqui serão elaboradas em estudos futuros com exemplos concretos de como era a política e a vida cotidiana. Estas conquistas históricas podem inspirar novas ideias sobre como enfrentar com sucesso os desafios urgentes de hoje e como poderemos organizar um mundo justo. Desta forma, as experiências da RDA podem ser usadas em termos práticos a partir do seu contexto histórico para se combater a contradição entre uma existência humana e a sociedade capitalista.

## BIBLIOGRAFIA

Aufruf des Zentralkomitees der Kommunistischen Partei an das deutsche Volk zum Aufbau eines antifaschistisch-demokratischen Deutschlands vom 11. Juni 1945.

[www.1000dokumente.de/index.html?c=dokument\\_de&dokument=0009\\_ant&object=facsimile&l=de](http://www.1000dokumente.de/index.html?c=dokument_de&dokument=0009_ant&object=facsimile&l=de)

Badstübner, Evemarie (Hg.). *Befremdlich anders – Leben in der DDR*. Berlin: Karl Dietz Verlag, 2000.

Blessing, Klaus. *Die sozialistische Zukunft. Kein Ende der Geschichte! Eine Streitschrift*. Berlin: Edition Berolina, 2014.

Bollinger, Stefan und Zilkenat, Reiner (Hg.). *Zweimal Deutschland. Soziale Politik in zwei deutschen Staaten – Herausforderungen, Gemeinsamkeiten, getrennte Wege*. Neuruppin: edition bodoni, 2020.

Bollinger, Stefan und Vilmar, Fritz (Hg.). *Die DDR war anders. Eine kritische Würdigung ihrer sozialkulturellen Einrichtungen*. Berlin: edition ost, 2002.

Brecht, Bertolt. *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1993.

De La Motte, Bruni und Green, John. *Stasi State or Socialist Paradise? The German Democratic Republic and What Became of it*. London: Artery Publications, 2015.

*Gesetz der Arbeit zur Förderung und Pflege der Arbeitskräfte, zur Steigerung der Arbeitsproduktivität und zur weiteren Verbesserung der materiellen und kulturellen*

Lage der Arbeiter und Angestellten vom 19. April 1950.  
[www.verfassungen.de/ddr/gesetzderarbeit50.htm](http://www.verfassungen.de/ddr/gesetzderarbeit50.htm)

Ghodsee, Kristen R. *Why Women Have Better Sex Under Socialism: And Other Arguments for Economic Independence*. New York City: Bold Type Books, 2018.

Hacks, Peter. *Marxistische Haltungen. Politische Schriften 1955-2003*. Hg. v. Heinz Hamm. Berlin: Eulenspiegel Verlag, 2018.

Krauß, Matthias. *Die große Freiheit ist es nicht geworden. Was sich für die Ostdeutschen seit der Wende verschlechtert hat*. Berlin: Das Neue Berlin, 2019.

Kunze, Thomas and Vogel, Thomas (Hg.). *Ostalgie International – Erinnerungen an die DDR von Nicaragua bis Vietnam*. Berlin: Ch. Links Verlag, 2010.

Mitteilung über die Dreimächtekonferenz von Berlin („Potsdamer Abkommen“).  
[www.documentarchiv.de/in/1945/potsdamer-abkommen.html](http://www.documentarchiv.de/in/1945/potsdamer-abkommen.html)

Rheinisches JournalistInnenbüro (Hg.). *„Unsere Opfer zählen nicht“ – Die Dritte Welt im Zweiten Weltkrieg*. Hg. v. Recherche International e.V. Berlin: Bundeszentrale für politische Bildung, 2012.

Wenzel, Siegfried. *Was war die DDR wert? Und wo ist dieser Wert geblieben? Versuch einer Abschlussbilanz*. Berlin: Das Neue Berlin, 2000.

Unentdecktes Land e.V. (Hg.). *Unentdecktes Land – Die Ausstellung*. Katalog. Berlin, 2019.



## FONTES DAS IMAGENS

- P. 1: Wikimedia Commons / Gerhard Voigt.
- P. 8: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-R77793 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 9: Wikimedia Commons / CC-BY-SA 3.0.
- P. 10: Democratic German Report, Vol. XI, No. 2,  
January 19th, 1962.
- P. 12: Wikimedia Commons / Bundesarchiv, B 145  
Bild-F003014-0002 / Brodde / CC-BY-SA 3.0.
- P. 15: Stiftung Haus der Geschichte, EB-Nr. H  
1997/12/0124 / Boehner Werbung Dresden.
- P. 17: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-S88796 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 17: Wikimedia Commons / Joachim Rieß.
- P. 18: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-11500-1944 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 20: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-R0117-0004 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 24: Bundesarchiv / Plak 100-035-005.
- P. 26: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183- 15844-0008 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 29: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-LO726-0031 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 31: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-M0804-0717 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 32: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-81057-0001 / CC-BY-SA 3.0.
- P. 34: Sigrun Lingel, 2012.
- P. 37: Wikimedia Commons / Bundesarchiv,  
Bild 183-J1109-0032-001 / Häbler, Ulrich /  
CC-BY-SA 3.0.
- P. 41: Illustrierte Geschichte der DDR,  
Berlin 1984 / Günter Schmerbach.
- P. 47: Wikimedia Commons / Deutsche Fotothek /  
CC-BY-SA 3.0.



**Internationale Forschungsstelle DDR (IF DDR)**  
pesquisa a história da República Democrática Alemã e sua relevância duradoura para os movimentos internacionais hoje em dia.  
[www.ifddr.org](http://www.ifddr.org)

**tricontinental**

**Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**  
é uma instituição internacional, organizado por movimentos, com foco em estimular o debate intelectual para o serviço das aspirações do povo.  
[www.otricontinental.org](http://www.otricontinental.org)



© 2021 - CC BY-NC-SA 4.0